

Cyberbullying na Adolescência: Um Fenômeno Crescente do Mundo Virtual^{a)}

Cyberbullying in Adolescence: A Growing Phenomenon of the Virtual World

Pedro Rafael Figueiredo* 

RESUMO

Introdução: O novo mundo virtual do séc. XXI apresenta um relevante impacto na vida social e emocional das crianças e jovens de todo o mundo. Neste contexto, a prática do *cyberbullying* tem adquirido particular destaque na comunidade científica, estando ainda por identificar o impacto destes comportamentos na adolescência.

Objectivos: Elaboração de uma revisão teórica acerca do conceito de *cyberbullying* e do seu impacto na adolescência, procurando-se ainda evidenciar a importância das estratégias de prevenção, protecção e suporte aos jovens afectados.

Métodos: Revisão não sistemática da literatura.

Resultados e Conclusões: O *cyberbullying* na adolescência apresenta um relevante impacto a nível emocional, comportamental e social. As estratégias de prevenção e intervenção deverão envolver os adolescentes assim como toda a comunidade.

Palavras-Chave: *Cyberbullying*; Adolescência; Psiquiatria; Infância; Virtual.

ABSTRACT

Background: *The virtual world of this century presents a relevant impact on social and emotional life of children and adolescents around the planet. In this context, cyberbullying has acquired particular interest within the scientific community and the impact of these behaviours on the mental health of adolescents has yet to be assessed.*

Aims: *Review the concept of cyberbullying and its effects on adolescents, also seeking to highlight the importance of prevention and protection strategies.*

Methods: *Non-systematic literature review.*

Results and Conclusions: *Cyberbullying in adolescence represents a significant emotional, behavioural and social impact. Prevention and intervention strategies should involve adolescents as well as the entire surrounding community.*

Key-Words: *Cyberbullying; Adolescence; Psychiatry; Child; Virtual.*

* Unidade de Pedopsiquiatria, Hospital Garcia de Orta, EPE.  pedrorafaelfigueiredo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5183-6033>

a) Baseado numa comunicação oral realizada durante o 8º Encontro Nacional de Internos de Psiquiatria da Infância e da Adolescência (8º ENIPIA), que teve lugar em Vila da Conde no dia 24 de Novembro de 2017.

Recebido / Received: 26/06/2018 • Aceite / Accepted: 23/09/2018

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as tecnologias da informação e da comunicação (tais como o uso do telemóvel, email, redes sociais na Internet, entre outras), têm vindo a ganhar significativa preponderância na vida social e emocional das crianças e jovens de todo o mundo¹⁻². De acordo com estimativas recentes da Associação Médica Americana (AMA), cerca de 95% dos adolescentes usam diariamente a Internet, destacando-se um aumento significativo da utilização das redes sociais (81%). Apesar da exposição à tecnologia digital apresentar inúmeras vantagens, esta tem vindo também a ser associada a efeitos potencialmente nocivos¹⁻³. Neste contexto, a prática do *cyberbullying* tem adquirido particular destaque na nossa comunidade, estando ainda por avaliar o verdadeiro impacto destes comportamentos ao nível do desenvolvimento psico-afectivo dos adolescentes¹⁻³.

O século XXI é o século do mundo virtual. A abertura feita a este novo mundo permitiu modificar rapidamente a forma como nos informamos e como comunicamos uns com os outros, todos os dias e em qualquer lugar. No entanto, este importante fenómeno cultural e social tem vindo a ocupar particular destaque na comunidade científica e política pela sua iminente relação com as questões da privacidade e segurança *online*, uso abusivo da imagem digital, dependência *online* e dos videojogos, entre outras³. É no interior desta enorme “galáxia tecnológica” que o *cyberbullying* apresenta um potencial nocivo extremamente impactante nos dias de hoje. Definimos este conceito como o “uso de tecnologias da informação e da comunicação para, de forma intencional, intimidar, ameaçar, difamar, chan-

tagear ou humilhar outro”¹, estimando-se que a sua prevalência nos jovens seja de 6-30% em todo o mundo^{2,4-5}.

Na comparação com o *bullying* dito mais tradicional, verificamos que o *cyberbullying* exibe características bastante diferenciadoras em relação à sua apresentação. Este fenómeno do mundo virtual, representado por um conjunto variado de imagens e palavras escritas, mantém-se activo em qualquer hora e em qualquer lugar onde exista ligação a meios tecnológicos. O agressor é, inúmeras vezes, anónimo e perfeitamente invisível ao olhar dos outros, enquanto que a vítima se encontra normalmente isolada e desprotegida (ao contrário do *bullying* tradicional, normalmente associado apenas ao contexto escolar e onde os agressores e vítimas são identificáveis por terceiros durante o acto)^{3,6}. Neste sentido, o *cyberbullying* representa um fenómeno acrescido de insegurança e de permanente exposição ao agressor, potenciando-se, assim, a facilidade de execução e perpetuação deste comportamento.

OBJECTIVOS

Este trabalho visa elaborar uma revisão teórica em torno dos efeitos psicossociais da prática do *cyberbullying*, caracterizando e contextualizando perfis psicológicos associados a potenciais vítimas, agressores e respectivas famílias. Por fim, pretende-se ainda evidenciar a importância das intervenções de prevenção, protecção e suporte aos jovens afectados.

MATERIAL E MÉTODOS

Pesquisa bibliográfica de artigos científicos através das plataformas *Pubmed*, *ScienceDirect* e *Web of Science*, usando os seguintes ter-

mos de pesquisa: *cyberbullying, adolescents, parents, psychological features, impact, virtual*. Foram incluídos artigos de revisão e estudos observacionais indexados no período de Agosto de 2009 e Julho de 2017. Artigos que analisaram apenas as características e efeitos do *bullying* tradicional foram excluídos.

RESULTADOS

Na tentativa de melhor compreender este complexo fenómeno, torna-se necessário entender, inicialmente, as principais causas e motivos para o seu aparecimento junto dos adolescentes. Neste sentido, têm vindo a ser apresentados diferentes modelos teóricos integrativos, sendo que actualmente os mais aceites e largamente utilizados são os oriundos da Sociologia Criminal (e que tentam explicar sobretudo fenómenos complexos como o crime tradicional, o crime informático e a delinquência juvenil)⁴. A teoria da oportunidade social representa o mais importante desses modelos teóricos³, referindo que nenhum destes fenómenos apresenta uma base aleatória, mas sim extremamente previsível quando reunidos três factores em simultâneo: por um lado, a proximidade a um agressor motivado (alguém com intencionalidade e disponibilidade para estar virtualmente conectado a outro que use regularmente meios tecnológicos, muitas vezes de forma pouco segura); por outro, a existência de um alvo vulnerável (frequentemente adolescentes com fragilidades psicológicas prévias e que ficam isolados perante um agressor que é anónimo e invisível perante os outros); e, por último, a existência de desprotecção social e/ou familiar (muitas vezes associada a relações pais-filhos adversas)^{3,6} (**Figura 1**).



Figura 1. A Teoria da Oportunidade Social.

O impacto destes comportamentos é extremamente relevante, tanto ao nível das vítimas como ao nível dos agressores⁷⁻⁹ (**Figura 2**). Do lado das vítimas, destaca-se sobretudo a sintomatologia depressiva e ansiosa, muitas vezes aliada a períodos de recusa escolar, sensação de insegurança permanente e, em casos mais graves, a tentativas de suicídio^{10-11,13}. Em relação aos agressores, tornam-se muito mais evidentes as características associadas ao tipo de personalidade, com emergência de comportamentos anti-sociais, desinteresse escolar e aumento do risco para abuso de substâncias^{12,14}.

VÍTIMAS	AGRESSORES
- Sintomatologia depressiva	- Traços disfuncionais da personalidade
- Ansiedade social	- Diminuição do rendimento escolar
- Absentismo escolar	- Comportamentos anti-sociais
- Insegurança	- Abuso de substâncias
- Comportamentos auto-lesivos	
- Ideação suicida	

Figura 2. Sintomatologia clínica associada ao *cyberbullying*.

Ao nível da prevenção e intervenção terapêutica as estratégias deverão, por isso, ser multisistêmicas, tornando-se essencial sensibilizar toda a comunidade envolvente¹⁵⁻¹⁶: deve-se procurar actuar nas escolas através de programas educacionais específicos sobre esta temática, reforçar a importância da relação e comunicação pais-filhos e aumentar a informação tecnológica disponível para todos.

As escolas, enquanto espaços privilegiados para a aquisição de competências sociais, pessoais e profissionais das crianças e dos adolescentes, deverão apresentar programas e/ou políticas educacionais relacionadas com o fenómeno do *cyberbullying*¹⁷⁻¹⁸. Neste sentido, deverá ser transmitido à comunidade que todas as formas de *bullying*, ao interferirem com os direitos individuais dos outros, são inadequadas e passíveis de condenação pelas autoridades competentes¹⁹⁻²⁰. Deverão ainda ser relembradas as principais regras de utilização das novas tecnologias, assim como as medidas básicas de segurança e protecção *online* (não revelar informações privadas a estranhos, nomeadamente palavras-chave e/ou outros dados pessoais; não partilhar imagens íntimas; não estabelecer contacto com desconhecidos e denunciar casos sofridos de abuso, humilhação e/ou chantagem nas redes sociais)²⁰.

Para além da intervenção em contexto escolar, os professores e educadores deverão trabalhar em conjunto com os pais dos adolescentes de forma a transmitir uma mensagem de maior protecção e cooperação²¹⁻²². O *cyberbullying* acontece dentro e fora do contexto escolar, cabendo aos pais um papel activo de prevenção e suporte perante a ocorrência deste fenómeno, muitas vezes silencioso e oculto. Estes deverão

ser incentivados a comunicar regularmente com os filhos sobre o uso da internet e sobre a prática de actividades *online*, nomeadamente que informações estão a ser partilhadas e que conteúdos estão a ser visualizados²¹⁻²². Em relação ao *cyberbullying*, os pais deverão ainda encorajar que os jovens lhes revelem se, em algum momento, se tornarem vítimas de algum agressor através de um clima de confiança. Tendo em conta as características fundamentais da adolescência, torna-se ainda necessário respeitar a privacidade e a autonomia pretendida pelos jovens. Neste sentido, poderão ser criadas regras para a utilização diária da internet, nomeadamente através do estabelecimento de um contrato em que pais e filhos estejam de acordo e que englobe a quantidade de tempo *online* permitida, assim como a definição do local de acesso (preferencialmente um local visível para a família, como a sala de estar ou a cozinha)²²⁻²³.

Sabemos hoje que o mundo virtual tende a actualizar-se e a transformar-se de uma forma extremamente rápida e imprevisível, tornando-se relevante não só adquirir conhecimentos acerca das novas tecnologias, como também compreender a forma como estas têm vindo a ser utilizadas pelas crianças e adolescentes. Actualmente, os jovens utilizam diariamente um conjunto alargado de plataformas na Internet, nomeadamente *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp*, *Snapchat* ou *Youtube*, que em muito alterou o paradigma tecnológico anterior. Neste sentido, alguns autores apontam para a existência de um verdadeiro “*gap* digital” entre gerações, tornando-se essencial a implementação de um ambiente de confiança e de partilha de conhecimentos entre pais e filhos^{22,24}.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O fenômeno do *cyberbullying* representa uma enorme constelação de meios e formas tecnológicas baseadas no uso da palavra e da imagem digital para humilhar ou ameaçar outro, sendo particularmente importante estarmos atentos à perigosidade destes comportamentos na adolescência. Tendo em conta a transversalidade do fenômeno, torna-se necessária a implementação de medidas de prevenção e suporte que englobem toda a comunidade.

Reafirmando o poder da palavra dita e da palavra escrita, por Eugénio de Andrade: “São como um cristal, as palavras. Algumas um punhal, um incêndio. Outras, orvalho apenas”.

Bibliografia / References

1. Foody M, Samara M, Carlbring P. Review of *cyberbullying* and suggestions for *online* psychological therapy. *Internet Interv.* 2015;2(3):235–42.
2. Bottino SM, Bottino CM, Regina CG, Correia AV, Ribeiro WS. *Cyberbullying* and adolescent mental health: systematic review. *Cad Saude Publica.* 2015;31(3):463–75.
3. Ang RP. Adolescent *cyberbullying*: A review of characteristics, prevention and intervention strategies. *Aggress Violent Behav.* 2015;25(A):35–42.
4. Selkie EM, Fales JL, Moreno MA. *Cyberbullying* Prevalence Among US Middle and High School-Aged Adolescents: A Systematic Review and Quality Assessment. *J Adolesc Health.* 2016;58(2):125–33.
5. MacDonald C, Roberts-Pittman B. *Cyberbullying* among college students: prevalence and demographic differences. *Procedia Soc Behav Sci.* 2010;9(1):2003–09.
6. Aboujaoude E, Savage MW, Starcevic V, Salame WO. *Cyberbullying*: Review of an Old Problem Gone Viral. *J Adolesc Health.* 2015;57(1):10–8.
7. Nixon CL. Current perspectives: the impact of *cyberbullying* on adolescent health. *Adolesc Health Med Ther.* 2014;5(1):143–58.
8. Gualdo A, Hunter S, Durkin K, Arnaiz P, Maquilon J. The emotional impact of *cyberbullying*: Differences in perceptions and experiences as a function of role. *Computers & Education.* 2015;82(1):228–35.
9. Gorzig A, Frumkin A. *Cyberbullying* experiences on-the-go: When social media can become distressing. *Cyberpsychology (Brno).* 2013;7(1):245–57.
10. Dredge R, Gleeson J, Garcia X. *Cyberbullying* in social networking sites: An adolescent victim’s perspective. *Comput Human Behav.* 2014;36(1):13–20.
11. Brewer G, Kerslake J. *Cyberbullying*, self-esteem, empathy and loneliness. *Comput Human Behav.* 2015;48(1):255–60.
12. Kowalski RM, Limber SP. Psychological, Physical, and Academic Correlates of *Cyberbullying* and Traditional Bullying. *J Adolesc Health.* 2013;53(1 Suppl):S13–20.
13. Alavi N et al: Relationship between Bullying and Suicidal Behaviour in Youth presenting to the Emergency Department. *J Can Acad Child Adolesc Psychiatry.* 2017;26(2):70–7.
14. Gaete J et al: Substance use among adolescents involved in Bullying: a cross-sectional multilevel study. *Front Psychol.* 2017;28(8):1056.
15. Raskaukas J, Huynh A. The process of coping with *cyberbullying*: A systematic review. *J Aggress Violent Behav.* 2015;23(1):118–25.

16. Elsaesser C, Russell B, Ohannessian CM, Patton D. Parenting in a digital age: A review of parents' role in preventing adolescent *cyberbullying*. *Aggress Violent Behav.* 2017;35(1):62–72.
17. Faccio E, Iudici A, Costa N, Belloni E. *Cyberbullying* and interventions programs in school and clinical setting. *Aggress Violent Behav.* 2014;122(1):500–05.
18. Slonje R, Smith P, Frisen A. The nature of *cyberbullying*, and strategies for prevention. *Comput Human Behav.* 2013;29(1):26–32.
19. Freinberg T, Robin N. *Cyberbullying*: School leaders cannot ignore *cyberbullying* but rather must understand its legal and psychological ramifications. *Ed Digest.* 2009;1(1):26-31.
20. Hinduja S, Patchin J. *Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications (Corwin Press); 2009
21. Bevilacqua L et al. The role of family and school-level factors in *bullying* and *cyberbullying*: a cross-sectional study. *BMC Pediatr.* 2017;17(1):160.
22. Mesch GS. Parental mediation, *online* activities, and *cyberbullying*. *Cyberpsychol Behav.* 2009 ;12(4):387-93.
23. Taiariol J. *Cyberbullying: The Role of Family and School*. Wayne State University Dissertations. 2010; Paper 118.
24. Clark LS. Digital Media and Generation Gap. *Inf Commun Soc.* 2011;12(3):388-407.